

**OS “CASARÕES” DE IBATIBA: UM
PATRIMÔNIO VERNÁCULO A SER
RECONHECIDO E PRESERVADO**

Aline Vargas da Silveira

vs_aline@hotmail.com

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
CENTRO DE ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Os ‘Casarões’ de Ibatiba: um patrimônio vernáculo a ser reconhecido e preservado

Aline Vargas da Silveira

Programa de Pós-Graduação em Artes - UFES

E-mail: vs_aline@hotmail.com

Resumo

O trabalho trata da arquitetura rural capixaba, e tem como objeto de estudo os ‘Casarões’ situados no Município de Ibatiba, sendo estes os documentos principais. As casas, construídas entre o final do século XIX e meados do século XX, são exemplos típicos das construções feitas neste período na região do Caparaó. O estudo tem como base os padrões e técnicas característicos da arquitetura rural encontrada na região, situadas em pequenos núcleos produtores onde predomina a arquitetura familiar. Denomina as possíveis alterações sofridas ao longo do tempo e as técnicas construtivas predominantes na região durante o período estudado. Com as informações coletadas, realiza-se uma análise de algumas dessas casas, procurando determinar as peculiaridades e configurações do espaço que mais caracterizam a tipologia construtiva da região, enfatizando a importância da preservação deste patrimônio, bem como o da paisagem cultural, como forma de preservar a memória local e como forma de desenvolvimento sustentável através do turismo rural.

Palavras-Chave: Arquitetura vernacular rural. Preservação. Turismo rural.

Introdução

As pesquisas sobre a arquitetura rural capixaba ainda são relativamente raras e até o momento centraram o foco sobre as residências da imigração italiana. Os livros de Maria Isabel Perini Muniz (1989 e 1997) e Júlio Posenato (1997) são alguns exemplos. É um campo vasto, porém pouco explorado, o trabalho discorrerá sobre esse tema ainda carente de estudos. Para isso, foram escolhidos como objeto principal os ‘casarões’ localizados no Município de Ibatiba.

As casas, construídas entre o final do século XIX e meados do século XX, são os principais documentos de estudo. A tipologia destas construções são exemplos típicos das construções feitas neste período na região do Caparaó¹.

O presente trabalho se propõe a estudar a arquitetura rural no Município de Ibatiba. E um dos seus maiores objetivos é o de incentivar os moradores locais a preservar os ‘casarões’ que ainda

¹ A região do Caparaó – conhecida pelo Parque Nacional do Caparaó onde se encontra o Pico da Bandeira - está localizada no sul do Espírito Santo e é formada por 11 municípios, dentre eles Ibatiba.

existem, pois a preservação deles é uma forma de preservar a história, cultura e tradições locais, assim como a 'memória do lugar': entendendo-se esta última como uma integração entre o bem natural e o cultural, entre paisagem e arquitetura.

Para o desenvolvimento do trabalho, além de pesquisa bibliográfica foram realizadas entrevistas com os moradores, levantamento arquitetônico e fotográfico em 20 casas encontradas no município.

Ibatiba e o seu desenvolvimento

O município de Ibatiba² se localiza no sul do Espírito Santo, na Região do Caparaó, e limita-se ao norte com o Estado de Minas Gerais. Tem uma área de aproximadamente 241 Km², sendo que sua maior parte é composta pela zona rural.

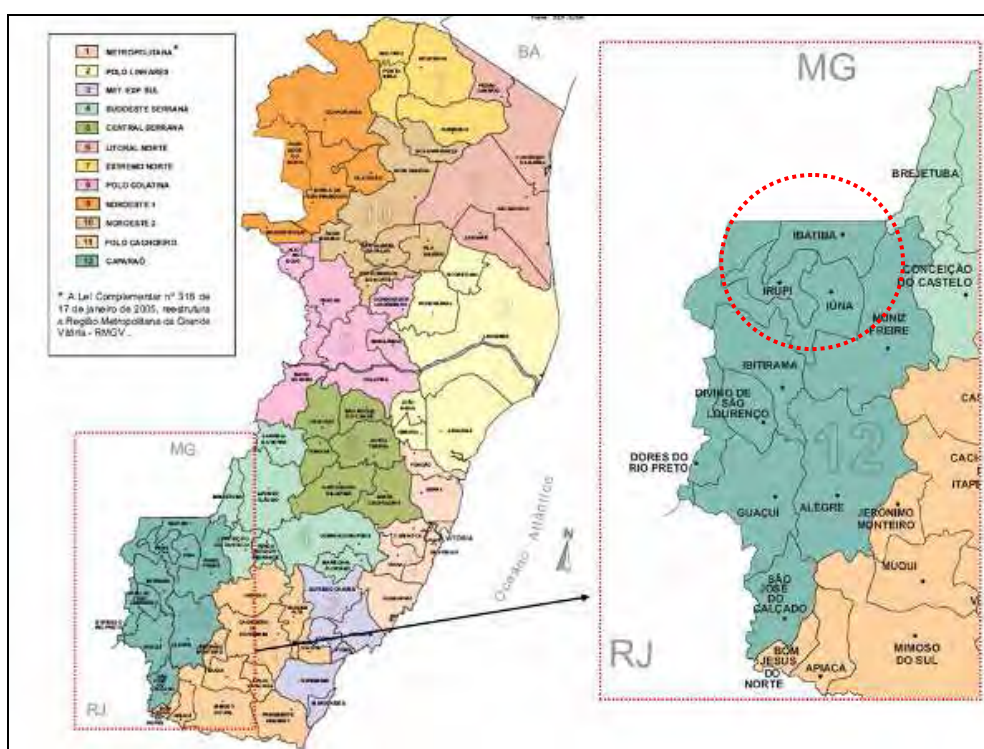


Figura 01 – Mapa de Microrregiões. Municípios da Região do Caparaó. Adaptado. Fonte: GOVERNO.

A localidade teve ocupação 'tardia', pode-se dizer que a colonização da região começou em meados do século XIX, principalmente por pessoas vindas dos estados³ de Minas Gerais e Rio de

² A cidade, cortada pela BR 262 que liga o Espírito Santo a Minas Gerais, fica a 169 Km de Vitória e a 355 Km de Belo Horizonte.

³ “[...] Antônio Dias Paes Leme (presidente da província) assinalava em 1870: que os habitantes da zona de São Mateus participavam da índole e dos costumes do sul da Bahia – com o qual tinham intenso comércio – ao passo que os de Itapemirim eram quase todos de origem mineira ou fluminense. (...) Nos fins do século XIX e início do século XX surgem as primeiras vilas na região: em Minas, Manhuaçu e Carangola entre 1870 e 1888; e no Espírito Santo, Iúna, Muniz Freire e São José do Calçado, nos primeiros anos do regime republicano”. (BRUNO, 1967)

Janeiro. Segundo a história local, acredita-se que os primeiros moradores se mudaram para região em busca de ouro, não encontrando, passaram a desenvolver a agricultura, tendo o café como produto principal, se estabelecendo em fazendas e sítios que muitas vezes têm passado de geração em geração dentro da mesma família, e hoje são o objeto de estudo deste trabalho.

No início do século XX chega a então Vila do Rosário do Rio Pardo do Norte, imigrantes libaneses, que, posteriormente, seriam os responsáveis pelo desenvolvimento do comércio local. A união destes dois tipos diferentes de cultura, a localização estratégica do município, próximo de Minas Gerais e às demais localidades da Região do Caparaó fez com que o local se transformasse em uma importante Rota dos Tropeiros, fato este que foi de grande relevância para seu desenvolvimento.



Figura 02 – Tropas no município de Ibatiba.
Fonte: GETURI.

Hoje a cidade é pouco conhecida no próprio estado do Espírito Santo, mas, possui um grande potencial de desenvolvimento turístico, pois pelo lado capixaba, ela é a porta de entrada da região do Parque Nacional do Caparaó, onde se encontra o Pico da Bandeira. Além disso, também tem se desenvolvido no setor de agroturismo.

O turismo rural é uma atividade que mantém fortes elementos de valorização dos potenciais ambientais, gastronômicos e culturais existentes no território. Dentre eles o potencial arquitetônico, reconhecido através de suas casas carregadas de história, construídas com a madeira retirada de desmatamentos para abrir as áreas de cultivo e pastagens, erguidas sem máquinas ou conhecimentos arquitetônicos eruditos, mas com força e criatividade.

Desde 2006, o agroturismo vem sendo trabalhado mais insistentemente no município e no primeiro semestre de 2009 foi lançado o 'Circuito Turístico Caminhos dos Tropeiros' uma iniciativa da GETURI (Associação Gestora de Turismo Rural de Ibatiba) com apoio da Prefeitura Municipal e SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

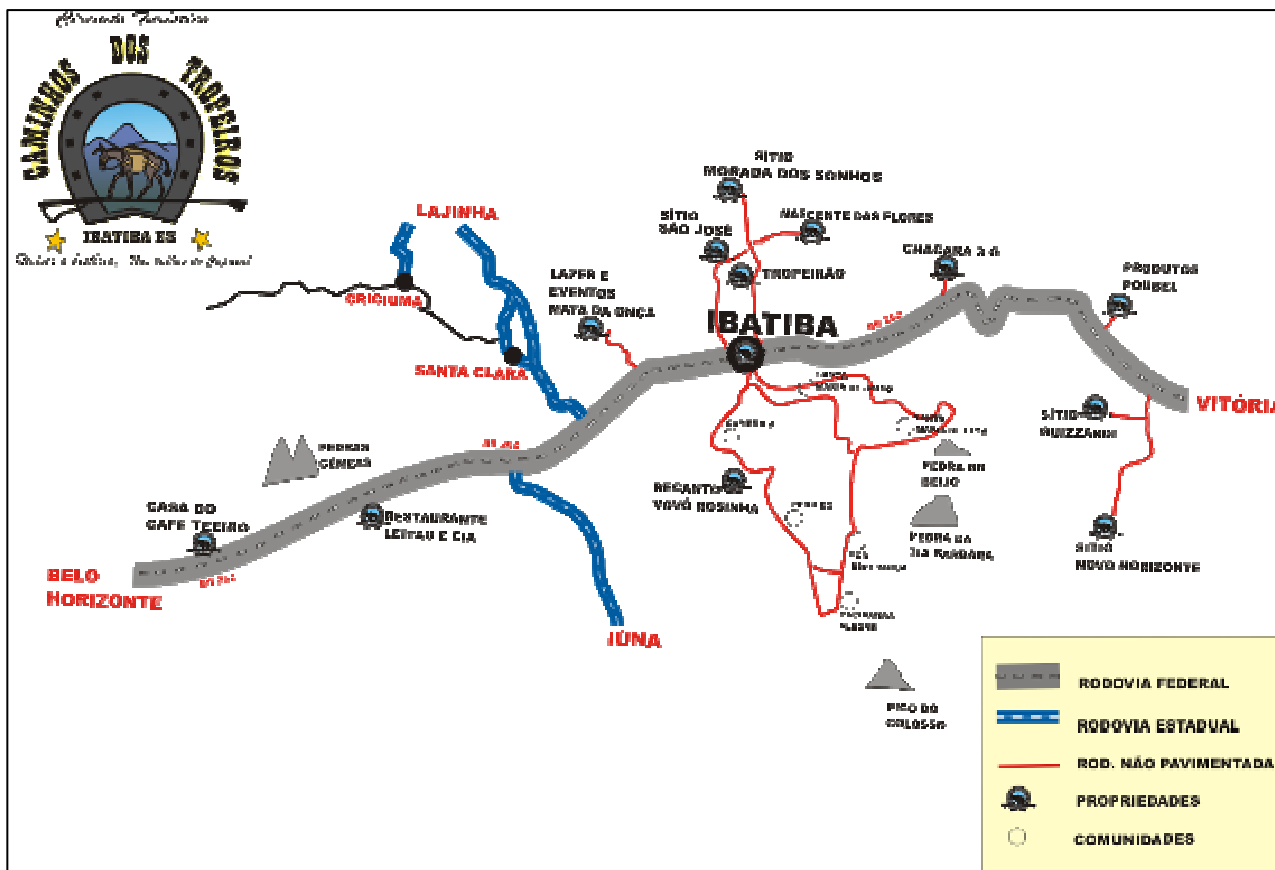


Figura 03 – Mapa do Circuito Turístico Caminho dos Tropeiros.
Fonte: GETURI

Atualmente, o circuito é composto por diversas modalidades de turismo rural, compreendendo propriedades em pontos diversos do município, cada uma oferecendo um tipo de serviço ao turista. Dentre eles podem ser encontrados restaurantes rurais com as comidas típicas da região, locais para vendas dos produtos da agroindústria, sítios com o sistema 'colha e pague', hospedagem para grupos e confraternizações, entre outros.



Figura 04 – Cafeteria Casa do Café Teeiro.
Fonte: GETURI.



Figura 05 – Restaurante Recanto da Vovó Rosinha.
Fonte: GETURI.

Outra modalidade turística promovida pela associação são as caminhadas pela zona rural do município. Normalmente são realizadas duas caminhadas principais por ano, uma, conhecida como 'Caminhada Ecológica' variando o circuito a ser percorrido, e a outra, denominada 'Caminhada dos Tropeiros', esta, pode ser considerada a principal, percorrendo o antigo caminho feito pelos tropeiros da cidade.



Figura 06 – Caminhada dos Tropeiros, 2008.



Figura 07 – Carros de Boi acompanhando a caminhada, 2008.

O trecho percorrido nesta caminhada pode ser considerado como uma viagem na história do município, pois compreende os caminhos percorridos pelos desbravadores locais. Nele, podem ser encontrados os antigos casarões, objetos de estudo deste trabalho, promovendo uma ligação entre o presente e o passado.



Figura 08 – Casarões encontrados no circuito, 2008.



Figura 09 – Casarões encontrados no circuito, 2008.

O Sítio

Os casas estudadas estão situadas em uma área formada por 06 das 25 localidades em que se divide o município, juntas, elas concentram grande parte dos casarões do município.

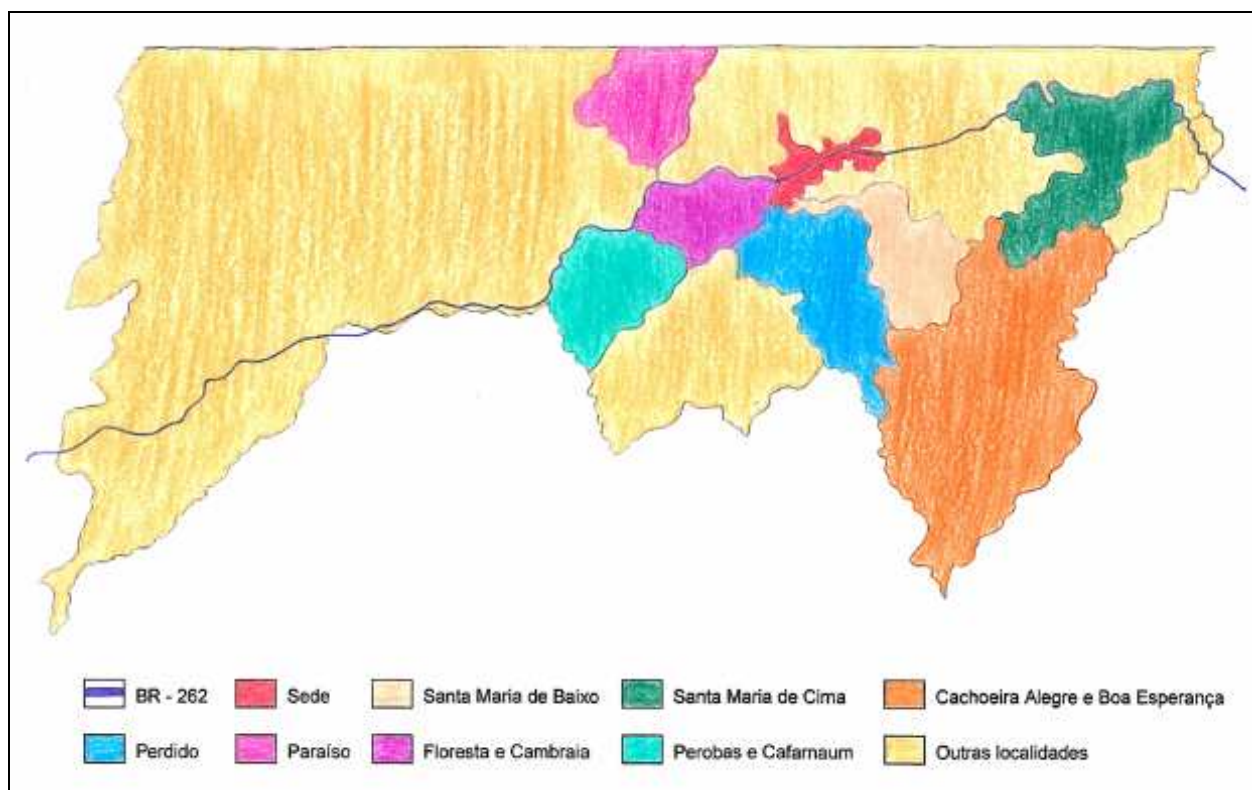


Figura 10 – Mapa de Ibatiba, localidades.

Fonte: PDMI.

A paisagem da região é marcada por morros, pedras e muitos córregos. O relevo movimentado, variando entre 500 e 1000 m de altitude, e o clima considerado como tropical de altitude, são característicos dessa região (KILL, 1999). A fertilidade⁴ do solo possibilitou o desenvolvimento das lavouras de café, substituindo o cenário antes dominado pela Mata Atlântica (figuras 11 e 12).

⁴De acordo com KILL (1999), as zonas serranas capixabas são ramificações, formadas pela Serra da Mantiqueira, que fica em sua maior parte, no estado de Minas Gerais. Ele fala que os terrenos que formam este relevo têm os solos mais férteis do estado, e o subsolo mais rico em minerais.

Sabe-se que a região em que se encontra estes casarões é muito rica em bauxita, e que há projetos para início de sua exploração, de fato, se isso ocorrer, não se sabe o que poderá acontecer na região, entre danos ambientais e sócio-culturais.



Figura 11 – Vegetação, 2008.



Figura 12 – Cachoeira, 2008.

No Espírito Santo o cultivo dos cafezais teve início nas primeiras décadas do século XIX. Mas, segundo Bittencourt (1987) o desenvolvimento da cultura cafeeira só começa a crescer efetivamente, a partir da segunda metade do século XIX, com a implantação de colônias na região serrana, e com forte influência do estado do Rio de Janeiro na região sul.

“Os cafezais aumentavam continuamente. Até São Mateus, zona produtora da farinha de mandioca, isolada no norte da província, chegou a contar 55 fazendas, produzindo cerca de 30.000 arrobas anuais de café. Mas era o sul que apresentava as melhores perspectivas aos cafezais. Para o vale do Itapemirim, Alegre e Veado (Guaçuí) é que se deslocava a nova frente do café mineiro e fluminense”. (TAUNAY, 1939 apud in BITTENCOURT, 1987:28)



Figura 13 – Cafezais, 2008.



Figura 14 – Café, 2008.

Com relação ao município de Ibatiba, não se tem dados específicos sobre o início da produção local de café, nem de sua importância produtiva no cenário inicial da produção cafeeira no Espírito Santo. Mas, subentende-se que datam das décadas finais do século XIX. Comparando o orçamento da província em 1828 e nos anos finais do século XIX, Bittencourt (1987) fala que o café representava 94,33% das exportações capixabas, e destaca a produção do grande município de Cachoeiro de Itapemirim, ora, sabe-se que até a década de 1890, este, era composto por todos os municípios que hoje formam a região do Caparaó.

Mesmo sofrendo grande influência dos mineiros e fluminenses, na região não se tem notícias sobre a existência de grandes fazendas de café como as encontradas nestes estados. O café foi e continua sendo responsável pela maior parte da economia da cidade, mas com um caráter voltado para a agricultura familiar.



Figura 15 – Casarão do Sr. Maninho Barba. Café secando no terreiro lateral, 2009.

Objeto de estudo deste trabalho, os casarões, alguns remanescentes desta época de início do desenvolvimento, integram a paisagem rural da região. Em meio ao verde das lavouras, pastos e matas, eles se destacam e prendem a atenção do transeunte. Carregados de história, são de grande significação para o presente e futuro da região.

As casas começaram a ser construídas à medida que a lavoura cafeeira foi se desenvolvendo. Como grande parte das habitações rurais brasileiras, eram sempre implantadas próximas aos cursos de água e considerando a insolação dos terreiros⁵. A água abundante servia para mover os moinhos e monjolos, e a boa insolação fator essencial para a secagem dos grãos de café.

O conjunto era formado pelo terreiro, a casa, as tulhas e paióis, os moinhos, monjolos e engenhos de cana-de-açúcar, em alguns casos abrigos de animais. Hoje, a maior parte destes componentes não mais existe. Há casos em que é possível encontrar vestígios de sua localização, mas na maioria só foi possível saber sobre esses elementos através dos relatos de caso dos moradores entrevistados. A figura 16 mostra a hipótese de configuração do entorno de uma das casas segundo relatos de moradores, já a figura 17 foi elaborada através de vestígios encontrados *in loco*.

⁵ O terreiro era desenhado de maneira a aproveitar o melhor caimento do terreno.

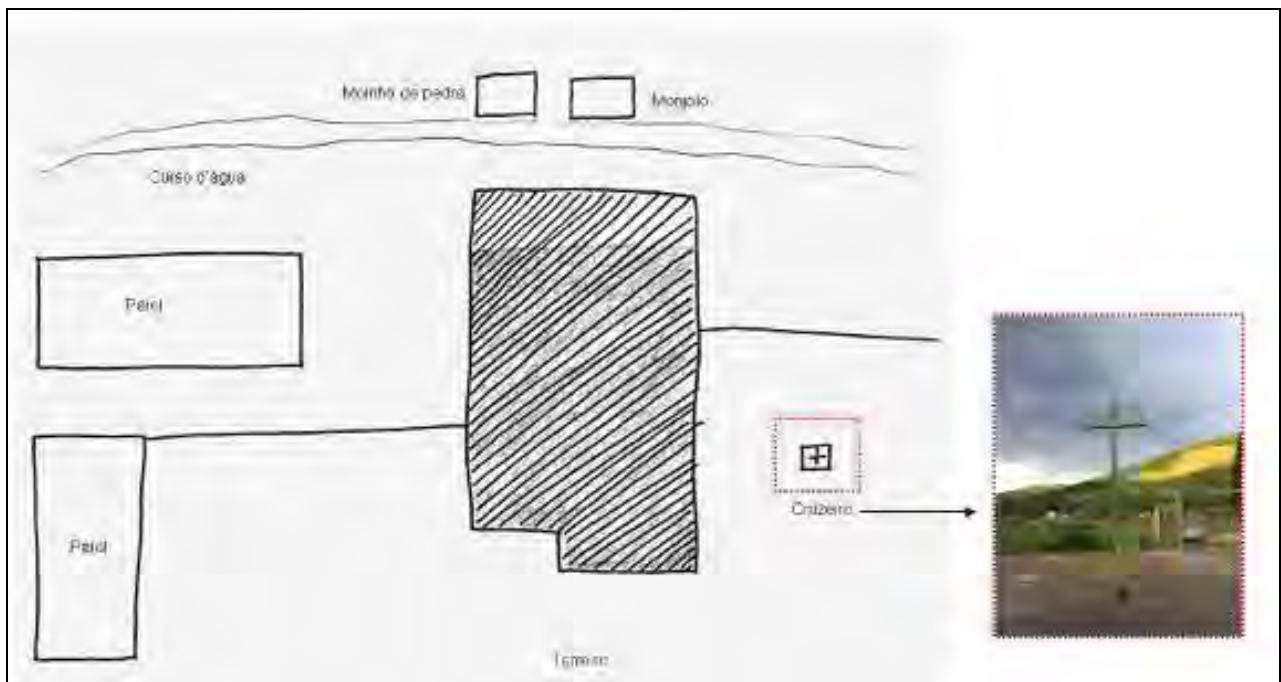


Figura 16 – Hipótese da configuração do entorno do Casarão do Sr. Deolindo, 2009.

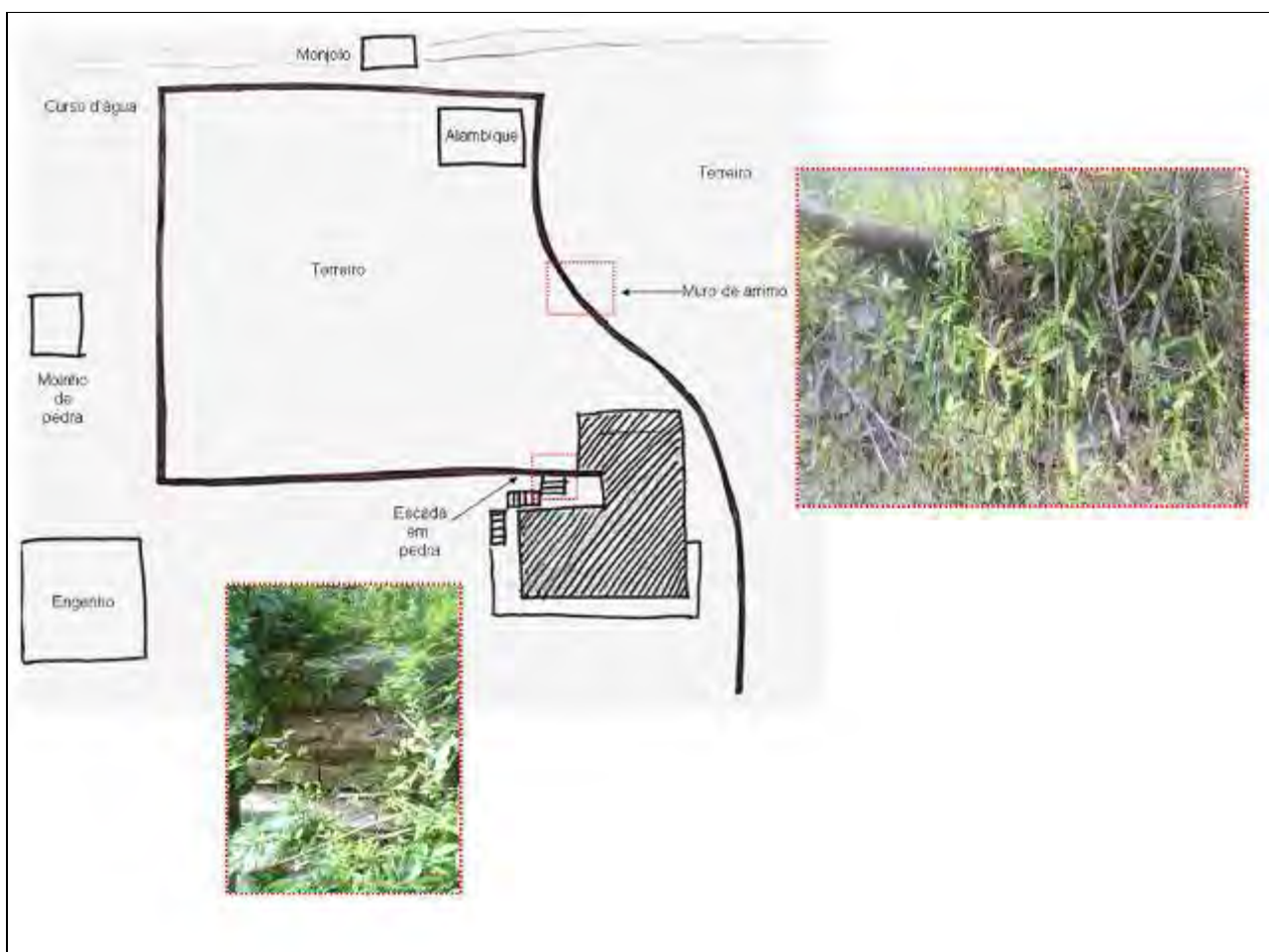


Figura 17 – Hipótese da configuração do entorno do Casarão da Fazenda do Sr. Vivim, 2009.

Os elementos que desaparecem primeiro foram os moinhos e monjolos, provavelmente devido à evolução tecnológica, logo foram substituídos por máquinas elétricas, de manuseio mais fácil. Os engenhos também quase não são encontrados, senão em algumas poucas propriedades, onde os donos optaram por mantê-los como forma de preservar a história. É o caso encontrado da propriedade do Sr. Pedrinho Barba, onde se encontra um engenho todo feito em madeira. A exceção ocorre através das tulhas e paióis, que ainda são encontrados tanto na forma mais antiga quanto nas mais recentes.



Figura 18 – Paiol, Casarão do Sr. Abraão Florindo, 2009.



Figura 19 – Paiol, Casarão do Vovô Amélio, 2009.



Figura 20 – Engenho, Casarão do Sr. Pedrinho Barba, 2009.



Figura 21 – Detalhe das engrenagens, 2009.

O terreiro para secagem do café aparece junto à fachada frontal na maior parte dos casos levantados, às vezes podendo aparecer um pouco afastado, na fachada lateral. Em alguns casos, na configuração atual, ele pode circundar a residência em mais de uma fachada como pode ser encontrado na casa do Sr. Deolindo. Praticamente em todas as casas levantadas, os terreiros são de cimento ou parte em cimento e parte não, o que é uma intervenção recente, pois o mais comum era o terreiro de terra batida, sem nenhum tipo de pavimentação.



Figura 22 – Casarão do Sr. Pedrinho Barba, terreiro em terra batida, circundando a fachada frontal e lateral, 2009.



Figura 23 – Casarão do Sr. Hélio Gringa, terreiro em cimento na fachada frontal, 2009.

A configuração das casas no terreno era feita da melhor maneira de se aproveitá-lo, grande parte dos terrenos era íngreme, nesses casos, foi feita a implantação em meia encosta, gerando casas assobradadas, remetendo assim à solução mineira de implantação.

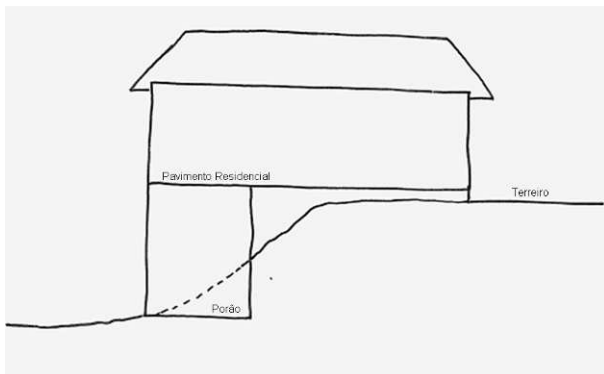


Figura 24 – Corte esquemático do Casarão do Sr. Cici Candim, 2009.



Figura 25 – Casarão do Sr. Cici Candim, fachada lateral direita, 2009.

Nas áreas de várzeas, as casas eram construídas elevadas do solo, podendo configurar um espaço de porão inabitável, ou não, sendo comumente utilizado para depósitos.

Uma coisa pode ser percebida, todas elas estão situadas em locais de boa visibilidade, para ver e ser avistada. Uma forma de acompanhar a rotina do sítio, e também ser referência para os que passavam pela estrada.

A Arquitetura

As construções vernaculares, cada vez mais vêm despertando o interesse dos pesquisadores, por revelarem uma expressão dos anseios, dos gostos e da perícia artesanal da população que se envolve diretamente com esta arquitetura. Para melhor conceituar e caracterizar o Patrimônio

Vernacular, foi escrito pelo ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios) a Carta Sobre o Patrimônio Construído Vernáculo (1999).

De acordo com a Carta (1999) o patrimônio construído vernáculo ocupa lugar central no afeto e orgulho dos povos. É reconhecido como uma característica da sociedade onde se insere, surge informal, porém ordeiramente, com uma lógica própria. Ao mesmo tempo em que é útil, é interessante e belo; é um foco da vida contemporânea e registro da história; é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade e de seu relacionamento com o território.

Testemunhas da história e cultura local, os casarões representam uma parte da arquitetura rural do Espírito Santo, em que a composição das construções, livre de ornamentações, se baseia nas proporções elementares, nos contrastes entre cheios e vazios, nas técnicas construtivas artesanais e na sua integração com a paisagem.

“É nas suas aldeias, no aspecto viril das suas construções rurais a um tempo rude e acolhedoras, que as qualidades da raça se mostram melhor. Sem o ar afetado e por vezes pedante de quando se apura, aí, a vontade ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se, na justeza das proporções e na ausência de “make-up”, uma saúde plástica perfeita, se é que podemos dizer assim”. (Lúcio Costa, 1975:91)

As casas estudadas se assemelham muito aos exemplares da arquitetura rural mineira guardando as devidas proporções em especial daquelas residências dos grandes senhores, a maioria é assobradada, e o alpendre com guarda-corpo de madeira trabalhada ou de seção retangular se faz presente em praticamente todos os exemplares. Algumas estão situadas à meia encosta, com dois pavimentos em uma das fachadas; mas também podem ser encontrados exemplares com uma elevação do chão, possuindo apenas um pavimento.

As técnicas construtivas empregadas na construção das casas foi a estrutura de madeira formada por esteios e baldrames, a vedação ficava por conta de alvenarias de pau-a-pique e/ou de tijolos cerâmicos. Como as casas foram construídas entre o final do século XIX e meados do XX, a técnica das alvenarias de tijolos já havia sido bem difundida, de maneira que a grande maioria das residências pesquisadas foi feita com tijolos cerâmicos do tipo burro (maciço).



Figura 26 – Detalhe da vedação em pau-a-pique. Casarão do Vovô Amélio, 2009.



Figura 27 - Fazenda Santa Bárbara, detalhe da parede em tijolos, 2009.

O piso das residências é formado por um tabuado corrido, apoiado sobre uma seqüência de barrotes de madeira, colocado em sentido contrário ao das tábuas. No pavimento residencial, a utilização de assoalho é unânime, quanto ao porão, verificou-se que o piso em terra batida era predominante, mas, dois casos peculiares foram encontrados, em um deles foram empregados tijolos cerâmicos, enquanto no outro utilizaram pedra.



Figura 28 – Detalhe do porão com piso em tijolos, Casarão do Sr. Braulino Bidu, 2009.

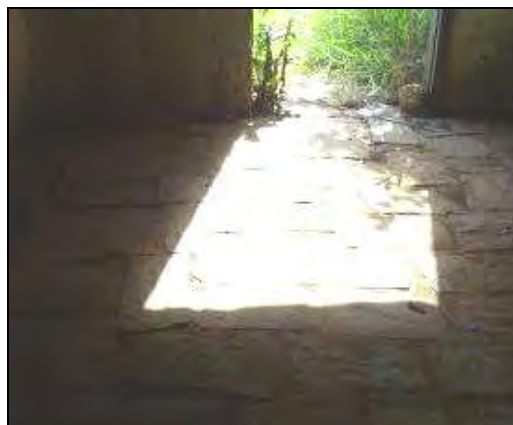


Figura 29 - Detalhe do porão com piso de pedra, Casarão da Fazenda do Vivim, 2009.

A estrutura das coberturas sempre é de madeira, armada em tesouras de forma simples. As coberturas são de telhas de barro, do tipo capa e canal - a que os moradores mais antigos chamam de 'telha combuca' – e do tipo francesas. Em alguns casos, as telhas também foram substituídas por outras do mesmo tipo, em outros foram substituídas por tipos diferente do original, até mesmo por telhas de fibrocimento, descaracterizando claramente a residência.

Os beirais apresentam pequenas dimensões, até mesmo nas construções de pau-a-pique. Geralmente a estrutura de madeira fica aparente, mas também foram encontrados casos com forro, escondendo assim a estrutura do telhado.



Figura 30 – Beiral, Casarão do Sr. Hélio Gringa. Alvenaria de pau-a-pique, 2008.



Figura 31 - Beiral, Casarão do Sr. Braulino Bidu. Alvenaria de tijolos, 2009.

Em planta tem o corpo principal retangular, sendo que em alguns casos apresentam saliências, sendo possível encontrar variantes com a planta em forma de 'L'. A divisão interna das residências é bem parecida, em geral são compostas por cozinhas de grandes dimensões, circulação feita através de salas, para onde se abrem os quartos. A presença do chamado 'quarto das moças', um quarto com acesso feito por dentro do quarto do casal, se faz notar em praticamente todas as casas pesquisadas.

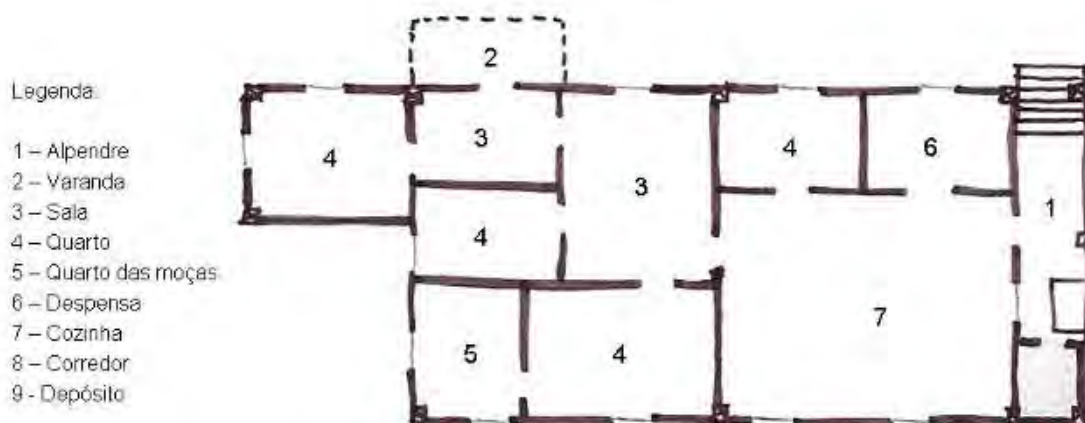


Figura 32 - Casarão do Sr. Braulino Bidu, planta.

Exemplares da mais tradicional arquitetura brasileira vernácula, livres de influências eruditas, os 'casarões' têm a sua beleza revelada através da distribuição dos vãos e do tratamento dado ao elemento mais característicos dessas residências, o alpendre. O único elemento que possa ser chamado de decorativo é a inscrição do nome do proprietário e a data da construção da casa, encontrado em algumas residências. Neste tipo de construção, a distribuição dos vãos é de grande importância para a composição da fachada. Considerando que não se encontra ornamentos, o enquadramento das aberturas dentro da moldura estrutural é que confere harmonia e equilíbrio ao todo.



Figura 33 - Casarão do Sr. Cláudio Moreno. Data de construção e localização na fachada frontal, 2009.



Figura 34 - Casarão do Vovô Amélio. Varanda com parapeito em madeira, 2009.

As varandas e alpendres são os elementos compositivos que mais atraem o olhar de quem passa por estes casarões. Observou-se também o predomínio dos alpendres, sobre estes elementos, Carlos Lemos (1989:27) se refere da seguinte forma:

“Esses elementos de composição arquitetônica são muito importantes e podemos dizer que são brasileiros devido à sua disseminação ampla pelo Brasil todo. Brasileiros por terem sido reinventados aqui entre nós desde os primeiros momentos”.

O acabamento dado a eles pode ser observado de forma diferentes em dois elementos: na coluna de sustentação do telhado, de forma bem menos perceptível, e no parapeito, que é o que se vê com maior destaque. No parapeito predomina os exemplares compostos por régua de madeira em seção retangular, mas, também foram encontrados dois interessantes exemplos de parapeito em madeira trabalhada.



Figura 35 – Detalhe do alpendre do Casarão do Sr. Deolindo, 2009.



Figura 36 – Detalhe do alpendre do Casarão do Sr. Hélio Gringa, 2008.

Grande parte das casas relacionadas pela pesquisa passou por intervenções, principalmente a inclusão de anexos. Quando foram construídas, não existia água encanada para a cozinha, e nem sanitários dentro das residências. Portanto, os anexos construídos, em grande parte são destinados aos sanitários. Há casos onde além deste uso, também são utilizados como parte da ‘cozinha suja’. Como interferências de adaptação também devem ser considerados elementos como tubulações de água ou rede elétrica.



Figura 37 – Casarão do Sr. Maninho Barba. Tubulações e anexo, 2009.



Figura 38 – Casarão da Fazenda Boa Esperança. Construção de parte da casa em concreto, 2009.

Outra intervenção encontrada nestas casas aconteceu no 'quarto das moças': depois das filhas casadas, muitos unificaram os dois quartos, obtendo um único ambiente de grandes dimensões.

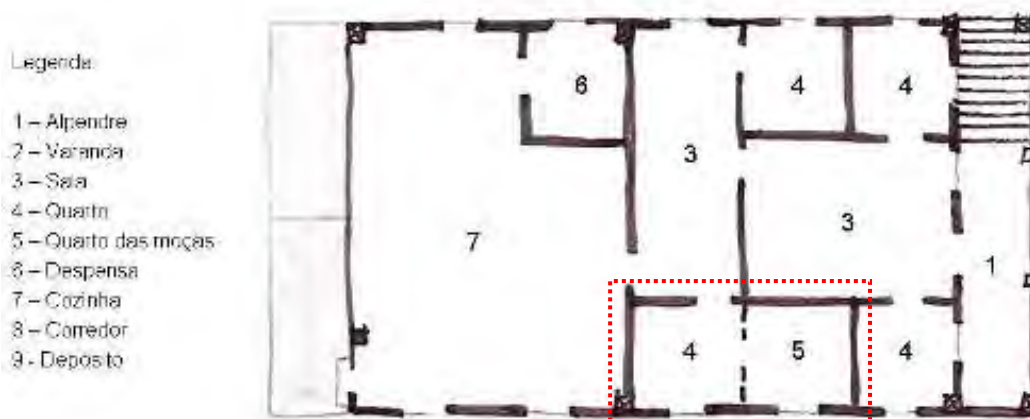


Figura 39 - Casarão do Sr. Abrão Florindo. Quarto das moças unificado, 2009.

Apesar das casas não se encontrarem mais na forma construtiva original, elas ainda guardam muitas das suas características iniciais, assim como os registros da sua passagem no tempo, sendo possível identificar claramente o tipo de intervenção pela qual passou.

Considerações finais

Falar sobre a casa, não é falar apenas de arquitetura, vai além do discurso técnico. Trata-se de um espaço habitado, e como afirma Norberg-Schulz (2006), o ato de habitar demonstra a relação entre o homem e o lugar, pois a habitação pressupõe uma identificação com o lugar. Para este autor o espaço nada mais é do que uma construção artificial e abstrata que meramente indica uma demarcação de vazio, enquanto lugar é o sítio da vivência humana, marcada por sua cultura.

Nos casos relatados no trabalho há uma relação intensa entre os moradores, moradia e o sítio onde se encontram. As casas são carregadas de histórias, de um tempo de luta entre homem e natureza na tentativa de se estabelecer no lugar, e através delas, podem ser 'lidas' estas atribuições da história da comunidade.

Os casarões remanescentes fazem parte da paisagem rural do município, e carregam as lições apreendidas de geração em geração desde o período colonial, principalmente com relação ao uso dos materiais encontrados no local, como a madeira e a terra. Este objeto de estudo está ligado à cultura regional e ao modo de vida de determinada época, sendo estes essenciais na tentativa de compreensão da arquitetura.

É preciso então, voltar os olhos para este tipo de patrimônio, pois pouco se conhece sobre a cultura rural, principalmente aqui no estado. Pode-se julgar que muitas edificações interessantes para a história da arquitetura rural capixaba tenham desaparecido sem ao menos terem sido

documentadas. Na própria região em questão, houve relatos de belos Casarões que foram demolidos.

A preservação e valorização destes documentos históricos pode ser uma forma de qualificar o desenvolvimento da região, gerando um processo de sustentabilidade através da cultura e identidade específica conferida ao lugar. O turismo rural, que começa a se desenvolver na cidade pode ser visto como um agente poderoso neste quesito, com a possibilidade de promover desenvolvimento socioeconômico aliado à preservação da paisagem cultural do município, observada através da integração de roteiros culturais onde se pode encontrar arquitetura rural, atrativos naturais e produtos da agricultura local.

Referências

BITTENCOURT, G. A. M. **Café e modernização**: o Espírito Santo no século XIX. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Cátedra, 1987. 139p.

BRUNO, E. S. **História do Brasil**: geral e regional 4: rio e minas. -. São Paulo: Cultrix, 1966/1967. 7v.

CAPARAÓ VALE MAIS : Plano de Desenvolvimento Sustentável. Governo do Estado do Espírito Santo; Fundação Vale do Rio Doce.

Carta del Patrimônio Vernáculo Construído. Ratificada por la 12ª Asamblea General em México, em outubro de 1999. Disponível em:
<http://www.international.icomos.org/charters/vernacular_sp.htm>. Acesso em: 05 out. 2008.

COSTA, L. Documentação Necessária. In: **Arquitetura Civil II**. São Paulo, FAUUSP & MEC – IPHAN, 1975, p. 89-98.

GETURI. Associação Gestora de Turismo Rural de Ibatiba.

GOVERNO. Governo do Estado do Espírito Santo.
Disponível em: <<http://www.es.gov.br>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

KILL, M. A. **Terra capixaba**: geografia & história. -. 2. ed. - Vitória: Ed. do Autor, 1999.

LEMOS, C. A.C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. – (Repensando a História).

MUNIZ, M. I. P.. **Arquitetura Rural do século XIX no Espírito Santo**. Vitória. Aracruz Celulose, Fundação Jônice Tristão, Rede Gazeta, Xérox do Brasil, 1989.

_____ **Cultura e arquitetura** : a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo.
Vitória: EDUFES, 1997.

NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do Lugar. In: **Uma Nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PDMI. **PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE IBATIBA** 2008.

POSENATO, J. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. -. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997.

SILVEIRA, A. V. **Os 'Casarões' de Ibatiba**: um encontro com a arquitetura rural capixaba. 2009. Projeto de Graduação – Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo.